

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Vinicius Daniel Pinheiro Pereira

**Carolina Maria de Jesus e o *Quarto de Despejo*: o estar e o não estar; o ser e o não ser de um(a) favelado(a).**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura e bacharel em História.

## Agradecimentos

Primeiramente, dedico meus agradecimentos iniciais a minha família, em especial minha mãe Tatiana Rosa, meu pai Daniel Araújo, minha irmã Ariel Viana, meu irmão Bernardo Henrique, meu primo João Pedro, minha avô Creusa, meu avô Luiz e ao meu tio Rodrigo Henrique, que me fez enxergar na PUC-Rio uma possibilidade. Agradeço em memória do meu avô Djalma Henrique e da minha avó Maria Rita, os anjos que abençoaram a minha caminhada. Todos esses nomes foram responsáveis pela minha entrada, permanência e agora conclusão do meu curso. Muito obrigado pelo carinho, amor e força.

Agradeço a minha musa inspiradora, minha companheira de vida, o melhor presente que a História me deu, meu amor Izabela Teodozio, a quem eu escrevo: se eu terminei essa monografia, saiba que foi através de toda força e energia que você me passou. Descrever todo seu apoio, atenção e amor durante esse processo seria fazer um novo trabalho acadêmico, pois foi tudo forte e sincero. Serei eternamente grato a você. Muito obrigado por tudo!

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Romulo Costa Mattos, por todo suporte, paciência, atenção e respeito durante o processo de pesquisa e escrita deste trabalho. Durante a pesquisa e escrita deste trabalho, tive que me dividir entre a faculdade e a família, pois minha mãe estava tratando um problema de saúde. O professor Romulo mostrou-se necessário diante disso, compreendeu e respeitou o momento. Muito obrigado, professor!

Agradeço também à professora Iamara da Silva Viana, pela oportunidade de fazer parte do projeto Residência Pedagógica durante o período que ficamos em EAD por causa da pandemia. Foi de fato uma experiência incrível, onde tive a oportunidade de me conectar novamente com um ambiente escolar e dar aulas para as turmas da Escola Municipal Desembargador Oscar Tenório.

Agradeço a todos os meus amigos. São tantos que se eu parar para colocar seus nomes aqui, certamente, eu levaria bastante tempo. Porém, acho válido mencionar alguns: Thiago Soares; Jorge; João Guilherme; Erlié; Fábio; Yago; Uanderson; Gabriel; Eduardo; Jamilson; Thiago Dias; Luiz Felipe; Francisco; entre outros. Agradeço também aos amigos do BQQ (Rocinha) e da AKAD.



## Resumo

Nesta pesquisa, pretendo, por meio da obra *Quarto de Despejo* e da figura da autora, Carolina Maria de Jesus, discutir a capacidade de pensar o favelado de maneira diferente do senso comum. As favelas e as pessoas que ali moravam adquiriram um espaço no imaginário coletivo onde o crime, a violência e os vícios eram elementos que compunham toda a filosofia e a “fisiologia” do local e de seus moradores. Mesmo retratando tudo isso em seu diário, mostrando seu dia-a-dia pela favela paulistana do Canindé e arredores, o que mais surpreendeu em sua experiência foi possibilitar pensar o favelado como um escritor, algo que, na grande imprensa, por exemplo, era inviável naquela época. Carolina Maria de Jesus transpôs a oralidade em escrita, transformou seu cotidiano em uma obra literária, subverteu o pensar sobre o favelado, onde os estigmas negativos eram o pilar do pensamento, e mostrou que os mesmos, através de si e de seus escritos, sonhavam, pensavam no futuro, trabalhavam, tinham consciência política etc.

**Palavras-chave:** Favela; Favelado; Imaginário; Imprensa

**Sumário:**

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 1 – Carolina Maria de Jesus</b>	<b>10</b>
1.1 – Perfil de Sacramento	11
1.2 – Família	12
1.3 – Mundo das Letras	16
1.4 – Trabalho no Campo	20
1.5 – Trabalho Doméstico	22
1.6 – Chegada em Canindé	23
<b>Capítulo 2 – Carolina Maria de Jesus – Escritora, Poetisa</b>	<b>26</b>
2.1 – Encontro com Audálio – Ponta pé para o Diário	28
2.2 – O Diário	29
<b>Capítulo 3 – A favelada – Novo Mundo de Carolina Maria de Jesus</b>	<b>33</b>
3.1 – Produção Cultural – Favela como Temática	35
3.2 – Quarto de Despejo – outro olhar para a Favela, para o favelado.	41
<b>Considerações Finais</b>	<b>46</b>
<b>Jornais</b>	<b>47</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

A melhor forma de introduzir a temática, o problema do trabalho em questão, é tratar da motivação para fazê-lo. Externar aquilo que estava dentro de nós em forma de escrita, assim como Carolina Maria de Jesus, personagem central deste trabalho, torna-se um ponto chave para compreensão não só de seu diário, como para tal trabalho acadêmico.

A vontade de escrever sobre Favela sempre permeou o meu pensamento. Talvez por morar na Rocinha, favela localizada no Rio de Janeiro, onde o “status quo” de maior favela do Brasil permeia<sup>1</sup> desde o meu nascimento, falar de Favela, seus mitos, histórias e personagens, seria descrever o meu dia a dia, uma parte de mim; quase uma espécie de diário.

Escrever sobre Favela é difícil, pelo pouco que foi estudado sobre elas, ainda tem muita coisa para ser explorada, e pela vasta variedades de temáticas, fica complicado fazer o recorte e escolher o tema específico. Na tentativa de escrever sobre favela, tentei focar mais nas questões que permeavam o imaginário popular e não, necessariamente, na escrita da História de uma favela específica. Quando falo de “imaginário”, quero dizer os mitos e meias verdades ditas sobre as favelas, no início da formação desse fenômeno urbano, por volta do final do século XIX e início do XX, no Rio de Janeiro, junto à eliminação dos cortiços e aos processos de higienização urbana.<sup>2</sup> Pois a contribuição desses pensamentos, de certa forma, moldara o pensamento das pessoas em relação as favelas até os dias atuais. Um desses pensamentos é que a inteligência letrada na favela é algo exótico, raro, quase inexistente. Nos relatos de algumas crônicas da primeira metade do século XX, autores como Orestes Barbosa, Benjamim Costallat e João do Rio, quase num relato sobre uma viagem, em um novo mundo descoberto, tratava a favela com certo sensacionalismo, destacando aquilo que queria ser lido pelo público: violência e desordem.

---

<sup>1</sup> Noticiado em: <https://falaroca.com/rocinha-maior-favela-pais-obstaculos/>

<sup>2</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. "A gênese da favela carioca: do campo à cidade, da rejeição ao controle". In: *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 23-24.

No meio dessa “violência” e “desordem”, o personagem principal é o favelado. Ao contrário de focar na história de uma favela específica, vi na condição de escrever sobre o favelado uma oportunidade de falar de mim e dos amigos que moram na mesma favela que eu, junto com amigos e outras pessoas que moram em outras favelas.

Como forma estrutural do trabalho, pretendo analisar, primeiramente, momentos da vida de Carolina Maria de Jesus, momentos mais ligados a sua infância. Não necessariamente traçar um trabalho biográfico, mas destacar em meio a sua infância turbulenta o local em que nasceu, momentos, personagens, histórias, enfim, tudo o que ajuda a pensar um pouco a trajetória de Carolina Maria de Jesus e a sua figura de escritora.

Para escrever sobre os momentos da infância de Carolina Maria de Jesus, na primeira parte deste trabalho, optei pelo livro de Tom Farias, pseudônimo do escritor Uéilton Farias Alves, *Carolina: Uma Biografia*, publicado pela Editora Malê em 2017, para me guiar nessa tarefa. Justamente por esse trabalho tratar da repercussão da obra *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*, junto com as problemáticas quanto ao que seria o “favelado” e todos os estigmas carregados por essa condição, a escolha do livro de Tom Farias colabora para uma melhor contextualização sobre a família, o meio em que viveu na infância, a alfabetização e a chegada da Carolina Maria no estado de São Paulo e na favela de Canindé.

Jornalista, escritor, crítico literário e professor, Tom Farias realizou um excelente trabalho de reconstrução dos principais caminhos percorridos por Carolina Maria. Ele visitou a obra anteriormente citada, os livros *Casa de alvenaria - Diário de uma ex-favelada* e *Diário de Bitita*, além de poemas, notícias de jornais e documentos do Arquivo Público de Sacramento, município de Minas Gerais onde Carolina Maria de Jesus nasceu e viveu boa parte de sua infância.

Na segunda parte deste trabalho, após um breve esboço da trajetória de Carolina Maria até a sua chegada à favela de Canindé, focarei no processo de escrita e na obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* e no encontro com o jornalista Audálio Dantas, que foi importante na questão de organização e edição dos escritos memorialísticos de Carolina Maria.

Na terceira parte, tratarei do problema desta tese: discutir o conceito e definição de favelado, usando não só a obra de Carolina Maria de Jesus (*Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*), mas me apropriando de certas crônicas sobre as favelas cariocas, dissertando sobre como Carolina Maria de Jesus, de certa forma, apresentou ao Brasil um novo atributo ao favelado.

Uma vez que analiso uma fonte literária, a minha preocupação será a de “inserir autores e obras literárias específicas em processos históricos determinados”, destrinchando suas “redes de interlocução social” (p. 07), conforme formularam Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira. Estes enxergaram as obras literárias como um testemunho histórico, exigindo uma análise em que se tenha “sempre em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhes interessa”.<sup>3</sup>

Não menos importante, uma vez que tratarei de uma determinada história de vida, é importante não concebê-la de forma idealizada, como um romance articulado, previamente concebido e perfeitamente coeso, sem contradições, conforme adverte o sociólogo Pierre Bourdieu:

“Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.”<sup>4</sup>

Quanto aos trabalhos mais relevantes sobre a obra de Carolina Maria de Jesus, os historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Lavine escreveram *Cinderela Negra: a saga da Carolina Maria de Jesus*<sup>5</sup>, de 1994, situando a trajetória de Carolina e as suas obras no âmbito da História Social. Através das

---

<sup>3</sup> CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 07, 09, respectivamente.

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1986. p. 185.

<sup>5</sup> MEIHY, José Carlos S. B.; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 1994.



entrevistas com seus filhos José Carlos e Vera Eunice, e com alguns amigos da escritora, junto com pesquisas documentais, os autores foram responsáveis por realinhar a escritora Carolina Maria de Jesus e a sua obra no meio acadêmico.

Os trabalhos voltados para a literatura são focados tanto no modelo único da escrita de Carolina Maria de Jesus, quanto na questão da edição e da organização dos seus manuscritos pelo jornalista Audálio Dantas. No mundo da literatura, Carolina é analisada por conta do gênero autobiográfico em que está inserida, devido aos seus diários publicados. Nesse caso, vale citar com destaque *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*<sup>6</sup>, resultado da tese de doutorado de Elzira Divina Perpétua, escrita para a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Diferentemente de todos esses importantes estudos, a minha monografia mostrará como Carolina também contribuiu para quebrar rótulos e estereótipos acerca dos moradores de favelas com a sua obra, sendo necessário para tanto compará-la à tradição de pensamento sobre esse tipo de assentamento habitacional, formada por agentes sociais como os cronistas, em décadas anteriores.

---

<sup>6</sup> PERPÉTUA, Elzira. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, p. 63-83, 2003.

## 1. Carolina Maria de Jesus

Nascida no dia 14 de março do ano 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, locomovendo-se para São Paulo na busca de melhores condições de vida e estabelecendo morada na favela do Canindé, nos finais de 1948<sup>7</sup>, Carolina Maria de Jesus, ou Bitita, apelido recebido durante a sua infância, foi uma prestigiada escritora brasileira, que se destacou por retratar a realidade de sua vida na favela em suas obras, na estrutura de diário e poemas. Como mulher negra e favelada, seus relatos são testemunhos poderosos, valiosos, preciosos, do cotidiano e das lutas enfrentadas pelas classes marginalizadas em uma sociedade marcada por uma extrema desigualdade.

Apesar de ter alcançado reconhecimento internacional com a publicação de seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*<sup>8</sup>, em 1960, a obra de Carolina Maria de Jesus – mesmo sendo muito conhecida atualmente, por incentivo de diversos movimentos negros e feministas – ainda é pouco divulgada e estudada na academia, sendo muitas vezes marginalizada no padrão literário brasileiro. Ainda que a carreira literária de Carolina Maria de Jesus tenha sido marcada principalmente pela publicação de *Quarto de Despejo*, a mesma é responsável por escrever e publicar outros trabalhos, tais como *Casa de Alvenaria*<sup>9</sup> (1961) e *Pedaços da Fome*<sup>10</sup> (1963), nos quais as temáticas exploradas pela autora são parecidas com as de seu primeiro livro.

As suas formas de relatos tiveram um impacto na literatura brasileira e na maneira como a sociedade enxergava as pessoas que viviam em condições de pobreza. Carolina Maria de Jesus, com o seu trabalho, proporcionou uma voz e uma representatividade para grupos “excluídos”, além de colaborar para os debates sobre desigualdade social e racismo, por um lado, e desmistificar a figura do favelado, por outro, colocando-se com um exemplo, temática que vou explorar nesta monografia com ênfase.

---

<sup>7</sup> Alguns textos tendem a retratar a chegada de Carolina Maria de Jesus, em Canindé, em 1947, porém pretendo seguir de acordo com a biografia da Carolina Maria de Jesus, escrita por Tom Farias:

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P. 154

<sup>8</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960.

<sup>9</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*. Editora Francisco Alves. 1961

<sup>10</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da Fome*. Editora Francisco Alves. 1963

Para um entendimento geral da importância da obra de Carolina Maria de Jesus, é necessário situá-la dentro do cenário histórico e social no qual ela viveu. Por isso, antes de adentrarmos na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, e na discussão sobre o favelado, é válido fazer uma breve abordagem biográfica. O trabalho em questão não se trata de uma biografia de Carolina Maria de Jesus, por isso, os elementos de sua corrida infância, destacados nessa primeira parte, tendem a ter outro sentido quando pensarmos na Carolina Maria de Jesus moradora e escritora da Favela de Canindé.

## 1.1 PERFIL DE SACRAMENTO

Antes de chegarmos nas margens do rio Tietê, na favela de Canindé, em São Paulo, vamos para a região de Sacramento, município de Minas Gerais, onde nasceu Carolina Maria de Jesus. Nascida em 1914, no dia quatorze de março, o ambiente em que Carolina nasceu carregava fortes resquícios dos séculos anteriores, não só nas questões relacionadas à infraestrutura, à parte física, mas também na parte social.

Acredito que, voltar para o local de nascimento da autora, e com isso traçar um perfil do ambiente em que a própria viveu, além de descrever um pouco de como foi a sua infância, facilite a compreender a mentalidade que Carolina Maria Jesus desenvolveu e as suas obras, principalmente *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*. Observar o local em que Carolina passou a infância é observar quais perspectivas de vida a mesma poderia pensar para si mesma.

A passagem para o século XX foi de fato marcada por um período onde ocorreram grandes mudanças no Brasil, como a Abolição (1888) da escravatura e a Proclamação da República (1889). Foram transformações que mexeram com as estruturas do Brasil, e há de se pensar no impacto dessas mudanças nessas pequenas cidades, há de se pensar em quando elas chegaram e há de se pensar em como elas impactaram a população dessas cidades.

No limiar do século 20, a minúscula Sacramento, saída a pouco da escravidão, recebeu fortemente os impactos dessas grandes transformações sociais, no caso a mudança brusca do regime monárquico

para o republicano. Mudanças na política, mudanças na economia: a migração da área mineradora, no garimpo do ouro e pedras preciosas, para a da agricultura, com a lavoura e criação de gados.<sup>11</sup>

Município fundado em 1832 e com o seu desenvolvimento estimulado pela expansão cafeeira, o perfil que Sacramento apresentava era típico de cidades do interior que sofreram tanto com a expansão cafeeira, quanto com a exploração do garimpo<sup>12</sup>, com características majoritariamente rurais, com poucos traços urbanos, com a violência por causa das terras férteis e o abastecimento de água<sup>13</sup>. Mas, mesmo com o fim da mão de obra escrava e do regime monárquico, o “*tempo em Sacramento, estava bastante estagnado, para não dizer totalmente atrasado*”<sup>14</sup>, no que diz respeito ao progresso da cidade e à “modernização”, houve pequenas mudanças em busca de uma urbanização: construção de novos prédios na virada do século XIX para o XX; existência de uma estação de trem interligada com bondes elétricos; chegada do cinema em 1905 (lembrando que a primeira sala de cinema, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1897).<sup>15</sup>

Tratando-se do social, o atraso era evidente. Os negros que viviam em Sacramento, possuíam algo em comum: de alguma forma “*a origem escrava era o registro ancestral que marcava a vida da grande maioria dessa população, desde os seus primórdios, no século 18, ainda sob o domínio dos bandeirantes*”<sup>16</sup>. Porém, mesmo após abolição, os moldes escravistas perpetuaram na região tanto nas relações de trabalho, quanto nas relações sociais, fazendo com que os padrões da sociedade continuassem os mesmos: os negros continuavam pobres, em situações de miséria, com os mesmos “trabalhos” e tratamentos; enquanto a parte rica, continuava pertencendo aos brancos, e os preconceitos dos tempos de “senhor e escravizado” permaneciam intactos<sup>17</sup>.

Ocupando lugares marginalizados daquela sociedade, os negros permaneceram sem direitos e continuavam sendo explorados de maneiras diferentes, mesmo após a abolição. Até a própria situação de cativo ganhou “uma

---

<sup>11</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.12

<sup>12</sup> *Ibidem.*, P 15

<sup>13</sup> *Ibidem.*, P 15

<sup>14</sup> *Ibidem.*, P 14

<sup>15</sup> *Ibidem.*, P 43

<sup>16</sup> *Ibidem.*, P 11

<sup>17</sup> *Ibidem.*, P 14

nova roupagem”: os ricos, brancos, donos de terras “*passaram a adotar um hábito tão perverso como os do tempo do cativo, que era de ‘criar’ jovens meninos negros e jovens meninas negras em regime análogo ao da escravidão para cuidar dos serviços mais ordinários da Casa Grande [...]*”<sup>18</sup>. Um exemplo que podemos citar desses jovens negros era Osório Pereira, primeiro companheiro de mãe de Carolina, Cota, e pai do irmão de Carolina, Jerônimo Jesus Pereira<sup>19</sup>.

Na próxima divisão deste capítulo, pretendo falar mais sobre o ciclo familiar de Carolina Maria de Jesus e os laços de solidariedade que a cercaram e contribuíram para o caminhar de sua trajetória em Minas Gerais. A composição familiar de Carolina é importante, pois pensar nos desafios da sobrevivência em Sacramento é pensar também nas redes de apoio ao redor.

## 1.2 FAMÍLIA

Carolina Maria de Jesus nasceu de um romance fora do casamento de Maria Carolina de Jesus, conhecida como Cota, que se envolvera com o galanteador João Candido Veloso, e assim acabou crescendo sem a presença do pai, convivendo em sua maior parte do tempo com a família de sua mãe, na qual falaremos um pouco a seguir.

Como dito na divisão anterior do capítulo, a população negra da região de Sacramento e dos arredores tinha como um registro ancestral a origem escrava, e ao falarmos sobre a família de Bitita, no caso, o lado familiar materno, que era bem numeroso, temos que fazer algumas observações. Sobre isso, não podemos detalhar se todos eram de fato parentes de laços sanguíneos, mas podemos seguir uma linha de raciocínio a partir da informação da “origem escrava” da população negra de Sacramento.

Acho importante ressaltar duas obras ao falar sobre o ambiente familiar dos negros escravizados e suas ramificações, *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790 – c.1850*, dos historiadores José Roberto

---

<sup>18</sup> Ibidem., P 18

<sup>19</sup> Ibidem., P 19

Góes e Manolo Florentino; e *Na Senzala uma Flor - Esperança e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*, do historiador Robert W. Slenes. São obras que analisam a estrutura familiar e as relações familiares das pessoas escravizadas, suas dinâmicas internas e as relações estabelecidas com os senhores de escravos e entre os próprios escravizados. São obras que, apesar de abordarem a mesma temática, escravidão no Brasil, adotam perspectivas distintas, porém complementares. Em "*Na senzala uma flor*", o enfoque é a vida dos escravizados, suas relações sociais e suas formas de resistência. Por sua vez, "*A paz das Senzalas*" investiga as estratégias e os mecanismos adotados pela elite escravista para certificar a perpetuação do sistema e evitar confusões que pudessem atrapalhar a hegemonia do sistema escravista.

Com base nessas obras, podemos pensar que a família de Carolina Maria de Jesus não necessariamente seria composta por somente membros de laços sanguíneos<sup>20</sup>, mas também por uma rede de laços de solidariedade<sup>21</sup> formada através das relações interpessoais. Os laços de solidariedade, de certa forma, serão recorrentes na vida de Carolina Maria de Jesus, tanto na questão de encarar o mundo das letras, quanto na hora de expor para a sociedade todos seus relatos.

Seu avô, Benedicto José da Silva, nascido por volta de 1852, em Cabinda<sup>22</sup>, Angola, provavelmente trazido ao Brasil para servir de mão de obra escrava, de acordo com Carolina, foi o responsável por passar experiência e valores, ou seja, uma herança cultural para a mesma. Benedicto José era um homem corajoso, firme, que honrava e celebrava sua origem africana, tendo fomentado a vontade de Carolina para os estudos<sup>23</sup> e para a luta contra opressão racial. Responsável pela ligação de Carolina com sua ancestralidade, Benedicto José da Silva tinha liderança na localidade e, junto com outros negros, ajudava nas festividades da Igreja. No texto *Sócrates Africano*,<sup>24</sup> Carolina descreve mais o impacto de seu avô em sua vida, junto com os relatos de seus últimos dia de vida,

---

<sup>20</sup> SLENES, Robert W. *Na Senzala uma Flor - Esperança e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. – 2ªed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. P.59

<sup>21</sup> FLORENTINO, Manolo; GOÉS, José R. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790 – c.1850* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. P.174

<sup>22</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. p16

<sup>23</sup> *Ibidem.*, P.35

<sup>24</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Sócrates africano*. In: *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, 1994, P. 190-196

A mãe de Bitita, Maria Carolina de Jesus, conhecida como Cota, nascida possivelmente no pós-abolição<sup>25</sup>, inspirou Carolina durante seus momentos mais difíceis. Doméstica e apreciadora de bailes, Cota carregava consigo bastante força de vontade e, junto a isso, grande apreço por Bitita, acompanhando a mesma em suas jornadas, depois da filha acompanhá-la em sua rotina nos trabalhos domésticos quando criança. Mãe solteira de dois filhos, Jerônimo Jesus Pereira e Carolina Maria de Jesus, Cota, assim com as mulheres na família de Carolina Maria de Jesus, ganhava a vida nos trabalhos domésticos existentes pela região, pulando de serviço em serviço, de casa em casa, muitas vezes carregando os filhos consigo.

Como dito, as mulheres da família de Carolina Maria de Jesus garantiam sua renda através dos trabalhos domésticos, mas isso não era um feito somente familiar, e sim algo estrutural: “O fim da escravidão trouxe novos arranjos para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades, deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas”.<sup>26</sup> Fazendo com que “nos anos finais do século XIX e início do XX mais de 70% da população economicamente ativa ex-escrava, estava inserida no trabalho doméstico”.<sup>27</sup>

Servindo, geralmente, como meio de sobrevivência e uma forma de inserção no mercado de trabalho para as mulheres negras, os serviços domésticos traziam características do período escravista, e as funções eram as mais variadas possíveis:

O trabalho doméstico era constituído das mais variadas atividades, lavadeiras, cozinheiras, babas, amas de leite, mucamas e etc, configuraram uma estrutura social de trabalho diversificada, algumas trabalhavam em troca de casa e comida, outras teciam relações de contrato de trabalho que em muitos casos estabelecia prestações de serviços diárias ou mensais, que estavam pautadas na informalidade e nos laços de favor ou compadrio.<sup>28</sup>

Chalhoub observou que o serviço doméstico era a principal ocupação das mulheres pobres da Primeira República. Muitas conseguiam sobreviver exclusivamente com o dinheiro proveniente de seu trabalho, além de as atividades

---

<sup>25</sup> Ibidem., P.29

<sup>26</sup> DE PAULA PEREIRA, Bergman. *De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição*. Anais do Encontro da ANPUH, 2011. p1

<sup>27</sup> Ibidem., P.3

<sup>28</sup> Ibidem., P.3

remuneradas fazerem parte da experiência de vida dessas mulheres.<sup>29</sup> O trabalho no campo acompanhou também a vida de Bitita. Desempenhado mais pelos homens, tinha quase a mesma relação que o trabalho doméstico tinha com as mulheres negras do pós-abolição. O homem negro escravizado servia de mão de obra para as mais diversas atividades rurais e, no pós-abolição, o homem negro continuou com as atividades agrícolas como trabalhadores sem-terra, arrendatários ou em condições de semiescravidão.

Com uma rede familiar bem extensa – seja com relação aos laços sanguíneos ou aos laços de solidariedade –, analfabeta e com a renda baseada no trabalho doméstico e no trabalho rural, Carolina Maria de Jesus estava imersa em um mundo onde as possibilidades para ela eram muito limitadas.

O nível de empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista político e econômico. Sem estudos ou qualquer profissão certa, largados à própria sorte, totalmente, desamparados por governos, negros e negras se tornaram alvo exploratório da mão de obra barata, da violência do sistema, e do genocídio incondicional da polícia. Se a polícia não matava, no entanto, matavam a penúria, a fome e as doenças. Os homens tinham uma baixíssima expectativa de vida, pelo estilo não saudável que levavam: bebida, excesso de cigarros que fumavam e, sobretudo, o pesado trabalho insalubre. Imaginem-se as crianças. Era alto o nível de óbito entre elas. Estas nasciam, em geral, em casa, sob os cuidados das parteiras. As mães dessas crianças recém-nascidas muitas das vezes tinham apenas o leite do peito para oferecer às crias. Carolina, como toda criança negra daquela fase da vida, nasceu de parteira e a história da mãe não é muito diferente das demais histórias de outras mães sacramentanas.<sup>30</sup>

### 1.3 Mundo das letras

Imersos nos trabalhos rurais e domésticos, de caráter exploratório mesmo após o fim da abolição, pensar em “educação” na família de Carolina Maria de Jesus era algo improvável. Trabalhando exaustivamente e ganhando pouco para a sobrevivência, a situação da população negra, não só em Sacramento, mas também em outras regiões, não a permitia dedicar seu tempo aos estudos, além das diversas proibições legais que impediam o negro de ter acesso à escolaridade, como

---

<sup>29</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 204.

<sup>30</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.33



podemos observar em *O negro no sistema educacional Brasileiro: alguns aspectos históricos e contemporâneos*, de Iolanda de Oliveira:

Após a independência, a primeira constituição brasileira, datada de 1824, torna a educação primária “gratuita a todos os cidadãos” como direito inviolável. Entretanto, o negro escravizado, não tem acesso a este direito. O artigo 6 da referida constituição foi redigido da seguinte forma: Art. 6 São cidadãos brasileiros: “Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos”. Entende-se que estes, isto é, os filhos das escravas e os ex escravos, foram incluídos na categoria de cidadãos. A despeito do mencionado direito que limita, mas não impede totalmente o acesso do negro à escola, em 1937, “o presidente da província do Rio de Janeiro, Paulino José de Souza, sancionou no mesmo ano, a Lei nº 1 que faz a determinação seguinte para a instrução primária: Art. 3º. São proibidas de frequentar as escolas públicas: 1º “todas as pessoas que padecerem de moléstias contagiosas. 2º Os escravos e os pretos africanos ainda que sejam livres ou libertos. Portanto retira do negro, toda e qualquer possibilidade de frequentar a escola pública nesta província.”<sup>31</sup>

A realidade social dos negros de Sacramento não era só ligada às condições ruins de trabalho e de vida: a violência policial era outro fator extremamente importante, juntamente com o forte estigma ligado à prostituição, no caso das mulheres negras.

Durante boa parte de sua infância, Carolina encarou a dura realidade do trabalho no campo, acompanhando e ajudando sua mãe tanto nas atividades domésticas, quanto nas atividades agrícolas. Foi em um desses trabalhos domésticos que Cota, empregada para lavar e passar as roupas na casa da família de José Saturnino, antigo político local, recebeu o conselho e a ajuda de Mariquinha, esposa de José, para matricular Carolina Maria de Jesus no Colégio Allan Kardec, em Sacramento, devido ao comportamento bastante inquieto da menina.<sup>32</sup> Foi então que, ao seis ou sete anos de idade, em 1921, Carolina Maria de Jesus estava tendo contato com aquilo que a acompanharia até os seus últimos dias de vida: a paixão pela leitura e escrita.

---

<sup>31</sup> DE OLIVEIRA, I. *O negro no sistema educacional brasileiro: alguns aspectos históricos e contemporâneos*. [S. l.:s. n.], 2016. Disponível em:

[https://www.mprj.mp.br/documents/20184/167086/apresentacao\\_iolanda\\_oliveira.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/167086/apresentacao_iolanda_oliveira.pdf). P3

<sup>32</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.45

O Colégio Allan Kardec, fundado em 1907 pelo prestigiado educador, médico espírita e advogado autodidata brasileiro Dr. Eurípedes Barsanulfo, tinha uma abordagem pedagógica singular, uma que vez que o colégio reproduzia os fundamentos da doutrina espírita. Com a valorização das artes, ciências, música e até da formação moral dos alunos, o colégio adotava métodos educacionais bastante inovadores, visando uma espécie de ensino “individualizado coletivo”, onde cada aluno progredia no seu próprio ritmo, em conjunto com outros alunos. Além disso, a escola era gratuita, voltada para os mais pobres, e destinada para meninos e meninas, ou seja, era uma escola mista. A instituição contava com uma ampla sala de aula, onde ficavam todas as classes, cada qual com seus professores, separadas por fileiras de cadeiras.<sup>33</sup>

O período de Carolina Maria de Jesus na escola durou apenas dois anos, porém, foi o suficiente para marcar a sua vida por completo. Foram dois anos complicados, onde Carolina, uma menina muito apegada à mãe e desacostumada a certos ambientes externos ao trabalho<sup>34</sup>, teve de superar as ofensas de outros alunos e a rigidez dos professores.<sup>35</sup> Em seu primeiro dia, por exemplo, Carolina Maria de Jesus confessou que ainda consumia o leite materno de sua mãe, e a professora Lonita deu sermão para ela e os outros alunos ao redor, dizendo que Carolina não tinha mais idade para ficar mamando, que já estava na hora de aprender a ler e escrever. Carolina não gostou da atitude da professora e resmungou, fazendo a professora gritar seu nome. Carolina, em um ato de coragem, respondeu com voz de choro à professora, dizendo “*meu nome é Bitita*” e, em seguida, Lonita lhe deu algumas reguadas nas pernas.<sup>36</sup>

De fato, seu primeiro dia no Colégio Allan Kardec não pode ter sido um dos melhores, mas Carolina retornou a sua casa sabendo que as coisas seriam diferentes durante o tempo que estaria no colégio. Com algumas dificuldades no início, faltando às aulas e ignorando, em parte, os estudos, ela conseguiu se tornar uma aluna modelo, apaixonada pelo mundo das letras e recorrendo a vizinhos para buscar livros, visto que nenhum familiar próximo sabia ler ou tinha o hábito da leitura. Conseguindo com uma vizinha uma edição do romance *A escrava Isaura*,

---

<sup>33</sup> Ibidem., P.46

<sup>34</sup> Ibidem., P.47

<sup>35</sup> Ibidem., P.48

<sup>36</sup> Ibidem., P.49

de Bernardo Guimarães<sup>37</sup>, Bitita, com seu primeiro livro em mãos, dava início ao seu relacionamento com as obras literárias.

Mesmo com pouca idade, ela se sentiu atraída pela leitura do referido livro. A trama que girava em torno da mulher Isaura, uma escrava de pele clara, onde os fundamentos abolicionistas eram colocados em questão, fez com que aquela ingênua então menina, criticada pelos professores pela infantilidade, adquirisse amadurecimento para certas temáticas, mudando um pouco a sua visão sobre a sua realidade. O impacto de *A escrava Isaura* e de seu autor na vida de Carolina foi tanto, que, além das questões sociais, ela contava as histórias em seus livros com o mesmo tom narrativo do escrito brasileiro do século XIX, apresentado o máximo de realidade possível na escrita.<sup>38</sup>

Bitita lia de tudo, como a *Bíblia Sagrada*, a história universal e os livros variados que conseguia emprestado do Colégio Allan Kardec. Mas essa efervescência pelos estudos foi interrompida pela necessidade de acompanhar a mãe para um novo trabalho fora do município de Sacramento.<sup>39</sup>

Ao contrário dos primeiros dias de aula, quando não queria estudar de jeito nenhum, por causa da implicância dos colegas e porque ainda mamava no peito da mãe, agora ela estava revoltada por ter que deixar aquele lugar, onde acabou fazendo bons amigos e que tinha uma professora que respondia tudo que ela queria saber sobre a vida e sobre o mundo<sup>40</sup>

Deixando a família em Sacramento e, conseqüente saindo do Colégio Allan Kardec, em 1923, Carolina Maria de Jesus, junto com sua mãe, e provavelmente na companhia de seu irmão, Jerônimo de Jesus Pereira, fruto do primeiro casamento de Cota, foram morar e trabalhar como camponeses em uma fazenda em Uberaba, outro município de Minas Gerais, embora mais desenvolvido que Sacramento. Essa mudança ocorreu a pedido do novo companheiro de Cota, João Romualdo.

---

<sup>37</sup> Ibidem., P.51

<sup>38</sup> Ibidem., P.51

<sup>39</sup> Ibidem., P.53

<sup>40</sup> Ibidem., P.54

## 1.4 Trabalho no campo

Com aproximadamente nove anos de idade, Carolina já enfrentaria uma rotina muito pesada de trabalho na fazenda em Uberaba que fora morar junto com sua família. Levando seus bens mais preciosos consigo para essa nova rotina em Uberaba, seus livros – que incluía obras do poeta, advogado e abolicionista Luís Gama, junto a livros sobre a figura de Tiradentes e sobre o militar negro, herói na luta contra os “invasores Holandeses”, Henrique Dias.<sup>41</sup> Carolina não estava satisfeita em ter de deixar o colégio de lado, mas a presença dos livros durante o período do trabalho rural, de certa forma, a deixou confortada.

O período em Uberaba, de início fora bastante gratificante para família, devido à farta colheita que estavam obtendo:

A princípio a vida na fazenda estava às mil maravilhas. O fazendeiro parecia ser gente boa, deu bastante terra para a família plantar e manter sua subsistência. Plantaram então arroz, feijão, milho e cana-de-vassoura, e ainda ganhavam sementes de abóbora, quiabo e fava. Com o aumento dessa produção, a família de Carolina viveu dias gloriosos de muita fartura. A terra era boa, fecunda. Todos se animavam em acordar bem cedo, para poder plantar e colher mais e mais. Passado algum tempo, a colheita começou a ser realizada, com rica lavoura de arroz, feijão, milho, cana e hortaliças. Cota e a filha nunca haviam se sentido tão reconfortadas em toda vida.<sup>42</sup>

A vida da mineira apaixonada por livros sempre teve altos e baixos. Durante o seu melhor momento em Uberaba, ela foi retirada da fazenda de Olímpio Rodrigues de Araujo. A sua família foi expulsa daquele local, retornando para Sacramento novamente, onde encarou a antiga realidade, revendo os familiares que lá permaneceram. Mas não demorou muito para o padraço José Romualdo arrumar outro emprego também ligado ao campo, na fazenda de um japonês chamado Napoleão, livrando a plantação de arroz de pragas e outras pestes<sup>43</sup>. A mãe de Carolina, Cota, voltara a fazer aquilo que boa parte de sua família, ainda mais do lado feminino, ficara obrigada a praticar no pós-abolição: o trabalho doméstico em casa de pessoas ricas.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Ibidem., P.56

<sup>42</sup> Ibidem., P.57

<sup>43</sup> Ibidem., P.64

<sup>44</sup> DE PAULA PEREIRA, Bergman. *De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição*. Anais do Encontro da ANPUH, 2011. p1

Novamente, devido ao fim da colheita, teve também o fim do emprego. A trajetória da família de Carolina lembra a de libertos no mundo do trabalho do pós-abolição mostrada por Hebe Mattos, em *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. Isso porque a mobilidade geográfica estava fortemente presente em sua história. Segundo a historiadora, havia disputas entre os senhores pela mão-de-obra disponível, inclusive, com uma significativa movimentação de agenciadores de mão-de-obra, enviados por senhores de outras províncias.<sup>45</sup> Não por acaso, José Romualdo decidiu, em 1927, levar a família até a região de Restinga, atualmente uma macrorregião de Franca, em São Paulo, para trabalhar na fazenda de Santa Cruz, após receber uma proposta de trabalho.

O trabalho era numa lavoura de café, novamente, e a situação do trabalhador rural estava longe de ser das melhores, embora houvesse luta por parte dos afro-brasileiros para que essa realidade fosse alterada, conforme indica a obra anteriormente mencionada. Vivendo em situação análoga à escravidão e não tendo direito a nenhum benefício da própria terra que ajudava a plantar, a família de Carolina estava vivendo períodos amargos diante daquela situação.

Trabalhamos um ano na colheita de café. O que ganhávamos não dava para comprar comida. Êle [o fazendeiro] nos dava um vale de cento e cinquenta mil réis por mês. Deus me livre; o meu padraсто pediu para plantar. O fazendo disse “aqui só se planta, o café”. Fomos fugidos de um a um. Deixamos os nossos cacarecos. O primeiro que fugiu foi o meu padraсто. Depois a Dolores, eu e a minha mãe. Fomos para a cidade sem ter onde morar, não recebemos nada, e perdemos o pouco que tínhamos.<sup>46</sup>

Em 1928 a família voltou para Sacramento<sup>47</sup>, mas Carolina continuou na cidade: “*Dolores minha prima, arranjou emprego em Franca. Minhas pernas cicatrizaram, eu fui trabalhar na cidade. Empregada doméstica. E estava contente*”.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> MATTOS de Castro, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

<sup>46</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. P. 212

<sup>47</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.67

<sup>48</sup> JESUS, Carolina Maria de (2016). *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi/SP. P 171

## 1.5 Trabalho doméstico

O trabalho doméstico não era muito bem o que Carolina gostava de fazer, por preferir ficar lendo quando tinha que fazer suas tarefas<sup>49</sup>. Voltando para Sacramento, por volta de 1929 e 1930<sup>50</sup>, a mineira de 16 anos tinha a vontade de rever seus familiares, após passar um período distante sendo doméstica e tratando as suas feridas nas pernas.

As feridas nas pernas de Carolina são suas companheiras de viagem, pois ela enfrentou diversos trajetos em busca de tratamento para os seus machucados, e chegou a seguir em certa oportunidade, fazendo todo o trajeto para Uberaba andando em busca de atendimento médico; Bitita também buscou tratamento em Franca e em Ribeirão preto.

Outra coisa era a longa enfermidade que a acompanhava por anos a fio, sem lhe dar tréguas. Ainda muito moça, Carolina contraiu um conjunto de feridas nas pernas, que levaram anos para cicatrizar. Mesmo depois de adulta, e já morando em São Paulo, na favela do Canindé, ela reclamaria das sequelas dessas feridas, as quais a faria peregrinar muito em busca de cura, até ser operada e ficar definitivamente boa. Mesmo assim, as sequelas perduraram: as cicatrizes dessas feridas obrigaram Carolina, por vergonha, a usar meias, para escondê-las, algo muito visível em fotos, no período das badalações pelo lançamento dos seus livros.<sup>51</sup>

Ao chegar em Sacramento, a situação não era a das melhores. O mundo estava em crise com a queda da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, o que afetava diretamente outros países, inclusive o Brasil, por causa da redução na exportação do café. Além disso, o Brasil ainda estava passando por um período conturbado em relação à conflituosa eleição de 1929, com a derrota da Aliança Liberal nas ruas e a sua não aceitação do resultado oficial, que resultaria em protestos e manifestações em várias partes do país. Em meio a esse cenário de tensão, no dia 3 de outubro de 1930, iniciou-se um levante militar no Rio Grande

---

<sup>49</sup> Durante uma matéria, publicada pelo jornal *A noite*, no rio de janeiro, Carolina fala um pouco sobre esquecer das tarefas domésticas quando trabalhava para ficar lendo seus livros. Matéria: *POESIA, fogões e panelas...* A Noite, Rio de Janeiro, ano 1942, n. 02289, 9 jan. 1942. p. 5.

Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970\\_04&pasta=ano%20194&pesq=%20Carolina%20Maria%22&pagfis=12978](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_04&pasta=ano%20194&pesq=%20Carolina%20Maria%22&pagfis=12978).

<sup>50</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.75

<sup>51</sup> *Ibidem.*, P.71

do Sul. Esse movimento chegou ao Rio de Janeiro no dia 24 de outubro e derrubou o presidente Washington Luís.<sup>52</sup>

Mesmo com todas as habilidades envolvendo a escrita e a leitura, continuar no trabalho doméstico era a sua única solução. E foi assim, nos trabalhos domésticos, que Carolina ficou perambulando, passando de trabalho em trabalho em pequenas cidades, até aparecer uma oportunidade de trabalho na casa de uma professora, chamada Dona Romélia para São Paulo, em 1937.<sup>53</sup>

Ao chegar na capital paulista, trabalhou em algumas casas de famílias pobres, tendo inclusive sido doméstica da família Zerbini, que aliás esteve no lançamento do Quarto. Incompatibilizada com as regras de trabalho em casas de família, Carolina quis alçar voos próprios e passou a ser catadora de papel nas ruas paulistas. Convém lembrar que por aqueles dias os sistemas de coleta de lixo eram precários o país estava ainda em uma fase em que aproveitamento de papéis, caixotes e latas era uma constância. Portanto, supõe-se que o “negócio” de catador era algo mais rentável do que seria hoje. Além disso, com esse tipo de trabalho, Carolina conseguiria tempo para seus afazeres domésticos como mãe e sobretudo como leitora e escritora que julgava ser.<sup>54</sup>

## 1.6 Chegada em Canindé

Em 1948, com 33 anos e grávida, enfrentando a rotina de catar papel para conseguir alguns trocados, Carolina Maria de Jesus inicia sua moradia na Favela do Canindé, em São Paulo. Favela essa que seria desocupada em meados de 1960 para a construção da Marginal do Tietê.

Foi no Canindé que Carolina deu à luz aos seus três filhos. João José de Jesus nasceu em 1948, fruto do relacionamento da mineira com um marinheiro Português chamado Fábio Gonzaga Cintra<sup>55</sup>; José Carlos de Jesus veio ao mundo em 1950, tendo como pai o espanhol José Carlos Garcia<sup>56</sup>; e Vera Eunice de Jesus foi concebida em 1953, a partir do encontro de Bitita com o também espanhol, dono de fábrica, José Antônio Montes Vicentz<sup>57</sup>. Em 1945 ela teve uma menina, porém

<sup>52</sup> FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>53</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018, P.109.

<sup>54</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, n. 37, 1998. P.85

<sup>55</sup> Ibidem., P.155

<sup>56</sup> Ibidem., P.160

<sup>57</sup> Ibidem., P.174-175

o bebê não resistiu e veio a falecer; o pai era um americano identificado como Wallace.<sup>58</sup>

Vivendo com a miséria ao redor, Carolina morava em um barraco construído com o dinheiro que conseguia catando papel. Para descrever um pouco da situação em que ela vivia, citarei o relato do jornalista Audálio Dantas:

O barraco é assim: feito de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, não muito cômodos. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito for; e um quarto quartinho, bem menor, com um lugar para uma cama justinha lá dentro. A humanidade dele é esta: Carolina, Vera Eunice, José Carlos, e José e 35 cadernos. Tem mais coisa dentro dele, que a luz da janelinha deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebitando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; e fogareiro de lata-de-botar-água e lata-de-fazer-café e lata-de-cozinhar; tem também guarda-comida escuro de fumaça e cheio de livros velhos; e mais, duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado. Isto é o barraco por dentro. O barraco fora é como todos os barracos de todas favelas. Feio como dentro. As tábuas estão escuras, de velhas. A gente passa na Rua A, pode até ver Carolina na janela, que não presta atenção nele. Desvia da poça d'água, olha para o bolo de meninos nus, ouve um palavrão lá no escuro dentro de um barraco qualquer, depois passa um, dois, três, dez barracos. No fim da rua, a gente já viu algumas dezenas de infelicidades e tem vontade de fechar os olhos e tampar os ouvidos. De covarde, que não tem só a Rua A na favela do Canindé. Tem a Rua B e a Rua C e a Rua do Porto, esta na beiradinha do Tietê, lama só. E as confusões dos barracos que não ficam em rua nenhuma. Dá para ver, assim numa hora, mais de 150 barracos, abrigando a miséria mais miserável do mundo. Uma miséria tão grande que a gente não entende ela. Ou não quer entender verdade verdadeira. Se a gente entendesse, a favela não estava plantada lá na beira do Tietê<sup>59</sup>.

Foi no Canindé, também, onde Carolina Maria de Jesus enfrentou os piores momentos em sua vida. Com parte no pouco que vimos em relação à vida de Carolina, já é possível tirar como conclusão que as dificuldades na vida da mineira poetisa, durante seu momento fora de Canindé, sempre existiram. Sendo uma mulher negra, nascida início do século XX, em uma cidade do interior, Carolina enfrentou todos os desafios possíveis, desde a questão do trabalho em excesso, seja ele doméstico ou os trabalhos rurais, até no ponto de garantir a sua própria existência diante dos casos de racismo que viva. No Canindé, mãe solteira de três

---

<sup>58</sup>Ibidem., P.146

<sup>59</sup> DANTAS, Audálio. *Nossa irmã Carolina*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1960



filhos e agora vivendo na favela, os olhares da sociedade ficaram piores em direção a sua pessoa. Os preconceitos aumentaram diante do estigma que projetaram para as favelas e para os favelados.

Na descrição de Audálio sobre a favela do Canindé, ressaltaremos trechos nos quais é possível observar a situação desagradável em que todos ali vivem: “no fim da rua, a gente já viu algumas dezenas de infelicidades e tem vontade de fechar os olhos e tampar os ouvidos”. Mais adiante: “*Dá para ver, assim numa hora, mais de 150 barracos, abrigando a miséria mais miserável do mundo. Uma miséria tão grande que a gente não entende ela. Ou não quer entender verdade verdadeira. Se a gente entendesse, a favela não estava plantada lá na beira do Tietê*”. É nessa missão de entender o lugar e as pessoas que ali vivem que veio a necessidade da produção do livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, junto com o protesto de Carolina Maria de Jesus sobre a sua situação e de seus semelhantes.

Até aqui falei sobre o local de nascimento e de onde passou a maior parte de sua infância, Sacramento; sobre sua família e seus laços de solidariedade; sobre os dois anos que passou na escola e o seu amor pela leitura; sobre a vida nos trabalhos do campo e nos trabalhos domésticos junto com sua mãe, Cota; sobre a influência de seu avô em sua visão de mundo. No próximo capítulo, pretendo escrever sobre a Carolina escritora. Trata-se de explorar os caminhos que a mesma fez para ser notada e publicada. Falarei também do seu encontro com o jornalista Audálio Dantas, em 1958, no Canindé, junto com o processo de escrita do diário, de divulgação e de publicação.

## 2. Carolina Maria de Jesus – Escritora, Poetisa

Antes de ter a favela do Canindé como morada, em 1948, durante a sua chegada na cidade de São Paulo, em 1937, com 22 anos de idade, Carolina Maria de Jesus já tinha como objetivo em sua vida – o seu maior sonho – viver de sua escrita, de suas poesias.

Parte dele (sonho de poetiza) deve ter sido concretizado nas cidades de Ribeirão Preto e Franca, suas últimas paradas. Se quisesse, ela poderia ter publicado suas primeiras produções poéticas nos jornais de lá. Mas logo que chegou a São Paulo, com mais de 20 anos de idade, ou seja, em janeiro de 1937, ela já passou a frequentar as redações dos jornais locais. Ela empreendeu isso como sendo uma espécie de dilema e sua vida. No íntimo, queria se ver nas páginas dos jornais locais, ter a sensação gloriosa de estampar suas poesias “em letra de forma”.<sup>60</sup>

As informações em relação ao aparecimento de Carolina Maria de Jesus em outras matérias de jornais antes da sua chegada em São Paulo ainda são escassas. Carolina viveu a maior parte do tempo em cidades pequenas na época, como Ribeirão Preto e Franca, e a possibilidade da existência e manutenção de um acervo dos pequenos jornais revistas locais que circularam naquela época, antes de 1937, é mínima. Entretanto, podemos falar que a busca maçante de Carolina Maria de Jesus em ter sua poesia publicada em São Paulo funcionou. A própria Carolina Maria de Jesus, em uma entrevista que deu para o jornal *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, três meses após o lançamento do seu diário, confirma que seu gás para seguir no mundo da poesia, no mundo literário, efervesceu com a sua vinda para São Paulo:

O meu pensamento literário se manifestou no dia 31 de janeiro de 1937. A gente do interior tem aquela vida apática; quando cheguei em São Paulo em 1937 (e lá a gente é obrigada a pensar com intensidade, pois tem de guardar nomes de ruas, telefones e tantas coisas mais) tive que fazer trabalhar minha cabeça. Foi um tal de Luís Catapano quem me disse que os meus escritos eram versos; e me aconselhou a levar tudo aos jornais. Fiz o que ele mandou e a “Folha da Manhã” fez uma reportagem comigo. E lá me disseram você é poetisa, Carolina. E eu perguntei: com que remédio se cura isso? Os jornalistas riram e fizeram uma matéria comigo.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.118

<sup>61</sup> CAROLINA no Rio: *descobri que minha doença era o verso*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, ano 1960, n. 2289, 8 nov. 1960. p. 13. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pagfis=3394](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pagfis=3394).

A matéria que Carolina citava na entrevista ocorreu apenas três anos após o início da sua jornada em São Paulo. No dia 25 de fevereiro de 1940, na terceira página, com o título *Carolina Maria, poetiza preta*. Carolina Maria de Jesus aparecia no jornal *Folha da Manhã*, do grupo *Folha de São Paulo*. Sua poesia *Colono e o Fazendeiro*, que tratava da dura rotina do trabalho no campo, fora publicada junto com uma rápida entrevista, seguida de uma fotografia, onde o sorriso de Carolina Maria de Jesus reflete e a sua alegria de finalmente ser publicada<sup>62</sup>.

Durante sua passagem no Rio de Janeiro, em 1942, Carolina apareceu no jornal carioca *A Noite*, no dia 9 de janeiro. Com o título *Poesia, fogões e panelas...*. A matéria seguia o mesmo esquema: foto, uma entrevista em que Carolina relatou a dura vida e o cotidiano na cidade São Paulo, vivendo como doméstica e seguindo com seus escritos. Há a publicação de dois poemas, sendo um deles *Negros*, no qual Carolina relata a situação de abuso que a população negra vivia no Brasil, e com isso a poetisa resgata toda a influência que teve com o contato com seu avô e o histórico ligado ao abuso da mão-de-obra escrava, além do duro trabalho no campo pós-escravidão enfrentado há gerações em sua família. O outro poema publicado, chamado *Súplica da Poetisa*, aborda um pedido à Santa Aparecida por felicidade, para viver nesse mundo incompreendido de poetisa.<sup>63</sup>

Carolina, em 1950, virou colaboradora do jornal *O Defensor*.<sup>64</sup> Detalhe, ela já residia em Canindé, era mãe e ainda catava papéis pela cidade de São Paulo para ajudar na sobrevivência. No dia 17 de junho de 1950, o periódico publica um poema de Carolina Maria de Jesus, seguido de um discurso de campanha para a segunda eleição de Getúlio Vargas.

A presença da poetisa nos jornais chamava atenção de todos ali, servindo tanto para um lado positivo, quanto para o negativo. Pois, ela sendo uma mulher negra que diz que sabe fazer poesia, que gosta de ler e escrever, muitas vezes

---

<sup>62</sup> URELI, Willy. *Carolina Maria, poetiza preta*. Folha da Manhã, São Paulo, ano 1940, 25 fev. 1940. p. 3.

<sup>63</sup> *POESIA, fogões e panelas...*. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 1942, n. 02289, 9 jan. 1942. p. 5. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970\\_04&pasta=ano%20194&pesq=%20Carolina%20Maria%22&pagfis=12978](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_04&pasta=ano%20194&pesq=%20Carolina%20Maria%22&pagfis=12978).

<sup>64</sup> FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro: Malê, 2018. P.127

acabava sendo tratada com um certo desdém, grosseria e deboche pelos outros. Carolina, na entrevista que concedeu à *Folha da Manhã*, retrata isso: “*Ando pelas redações, e quando sabem que sou preta mandam dizer que não estão...*”<sup>65</sup>. Outras vezes, servia até como um trunfo para uma publicação que repercutiria; desse jeito pensou o jornalista Willy Aureli, responsável pela matéria.

## 2.1 Encontro com Audálio – Ponta pé para o Diário.

No ano de 1958, com cerca de 10 anos no Canindé, Carolina Maria de Jesus, depois algumas aparições em jornais divulgando sua poesia e sua dura rotina, iria esbarrar com o repórter baiano Audálio Dantas (1929–2018). Audálio Dantas narra no prefácio do livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* o encontro que ocorreu em abril: o repórter foi “encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá, “no rebuliço favelado”.<sup>66</sup> Durante essa reportagem, Carolina “*logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha!*”.<sup>67</sup>

Após escutar Carolina gritando com alguns bêbados que estragavam os brinquedos no parquinho das crianças, dizendo que ia expor todos eles em seu livro, a atenção do repórter foi totalmente direcionada para tal cena. Após a ela mostrar um caderno com seus relatos do dia-a-dia, no ano de 1955, vivendo no Canindé, Audálio viu a situação como uma grande oportunidade para produzir algo que até então ninguém tinha feito: um relato real e verídico sobre cotidiano em uma Favela, feito por alguém que vive a realidade da favela e do(a) favelado(a).<sup>68</sup> Carolina, que sonhava em viver dos seus escritos, viu uma oportunidade para fugir daquela realidade que era sua vida na favela. Além do diário, Carolina entregou também

---

<sup>65</sup> URELI, Willy. *Carolina Maria, poetiza preta*. Folha da Manhã, São Paulo, ano 1940, 25 fev. 1940. p. 3.

<sup>66</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. Ed – São Paulo: Ática, 2014. P. 6

<sup>67</sup> Ibidem., P. 6

<sup>68</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, n. 37, 1998. P. 87

para Audálio seus romances, poesias, contos, mas o que chamou mesmo a atenção do repórter foi o duro relato do cotidiano da “favelada”.<sup>69</sup>

Uma das inferências que sobressaem da leitura dos manuscritos é que “Quarto de despejo” nasceu como fruto de um acordo verbal que se estabeleceu entre Carolina e Audálio Dantas, antes mesmo que se vislumbrasse qualquer possibilidade real de publicação. Contudo infere-se também que o nascimento do livro ocorre entre dois desejos distintos: para Audálio Dantas, desde o início, a contribuição dos diários para a causa social em que acredita e que defende naquele contexto; para Carolina, representa a possibilidade concreta de sobressair-se culturalmente e o caminho para sair, literalmente, da favela.<sup>70</sup>

Após Audálio Dantas ficar com parte dos seus escritos do ano de 1955, lembrando que sua visita ocorreu em abril de 1958, no mês seguinte, em maio, Carolina já estava escrevendo em seu diário. Ela continuou relatando seu cotidiano ininterruptamente até o início do ano de 1960. Carolina Maria de Jesus produziu seu diário para Audálio<sup>71</sup>, de certa forma, para ser publicado, para ter alguma utilidade além de simplesmente retratar a sua dura rotina, a qual fazia questão de fugir.

## 2.2 O Diário

No dia 19 de agosto de 1960, os esforços de Carolina, junto aos de Audálio, foram recompensados com o lançamento do livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, a compilação dos diários de Carolina. Ele contém 16 páginas referente ao ano de 1955 e 153 páginas que abrange desde maio de 1958 até o dia primeiro de janeiro de 1960. Através dos relatos autobiográficos, sobre o seu dia a dia, Carolina fazia a denúncia sobre a sua situação e a de diversos favelados. No próximo capítulo, ao falar um pouco sobre o fenômeno urbano que são as favelas, focarei na questão da produção da cultura que girou em torno delas, fazendo um panorama com que aconteceu no Rio de Janeiro e depois veio a acontecer em São

<sup>69</sup> PERPÉTUA, Elzira. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, 2003. P. 68

<sup>70</sup> Ibidem., P.68

<sup>71</sup> MACHADO, Marília Novais da Mata. *Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário*. Psicologia & sociedade, v. 18, 2006. P. 107

Paulo; junto a isso, colocarei trechos do *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, fazendo um contraponto em relação às crônicas cariocas. Por enquanto, vamos focar somente na questão da produção do diário.

Audálio Dantas ficou responsável pela edição e organização dos manuscritos. Ele tinha uma oportunidade de ouro nas mãos e queria fazer um bom proveito disso. Como será visto no próximo capítulo, durante o século XX, as favelas serviram de tema para boa parte das histórias e foi muito abordada por jornalistas. Com os manuscritos por completo em mãos, no início de 1960, Audálio:

[...] promove uma revisão em relação à pontuação, ortografia, vocabulário e termos recorrentes, além de organizá-lo numa arquitetura própria. Nessa etapa, observam-se três tipos de modificação em relação ao manuscrito – acréscimos, substituições e supressões. No estudo da transposição da escrita cursiva para a letra de fôrma, o exame do processo de substituição evidencia a intenção do editor de compor uma imagem da autora diferente da que aparece no manuscrito. Nesse tipo de interferência, nota-se que o editor elimina o que possa haver de suposta erudição ou mesmo de escoreito na linguagem de Carolina quando substitui suas supressões por termos mais populares. Observa-se, assim, um procedimento com base no processo de verosimilhança, ou seja, na adequação de uma imagem de Carolina à sua condição social. Os exemplos demonstram que as substituições ajudam a construir o estereótipo de uma personagem do povo, com pouca escolaridade, e ocorrem em vista de ter o editor suprimido grande parte do que a escritora possui de diferente das pessoas de seu meio, ou seja, o interesse pelos livros em geral e por tudo o que diz respeito à educação formal, pelo que ela considera um mundo de “cultura”.<sup>72</sup>

A figura do repórter Audálio Dantas é extremamente importante na vida de Carolina Maria de Jesus, pois, além de fazer a organização dos vinte cadernos manuscritos que recebeu da moradora do Canindé, foi responsável por publicar matérias estampando as fotos de Carolina Maria de Jesus, mostrando trechos do diário, ainda no processo de escrita, nos jornais em que trabalhava: uma no dia 9 de maio em 1958, na *Folha da Noite* (jornal noturno do grupo ao qual pertencia a *Folha de São Paulo*)<sup>73</sup>; e outra publicada no dia 20 de junho de 1959, pela revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro.<sup>74</sup> As matérias publicadas por Audálio ganhariam o público justamente pela temática “favela”:

<sup>72</sup> PERPÉTUA, Elzira. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, 2003. P. 64

<sup>73</sup> DANTAS, Audálio. *O drama da favela escrito por uma favelada*. Folha da Noite, São Paulo, ano 1958, 9 mai. 1958.

<sup>74</sup> DANTAS, Audálio. *Retrato da favela no diário de Carolina*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 1959, n. 0036, 20 jun. 1959.

A apresentação de Carolina a seu público leitor não foi feita abrupta. Pelo contrário, uma série de reportagens com fotos serviu para que fosse traçado um perfil de Carolina. Assim, quando o diário Quarto de Despejo foi lançado em 1960, o nome Carolina de Jesus já não era desconhecido, afinal, dois anos tinham se passado desde a descoberta de Carolina, em 1958, até a publicação de Quarto de Despejo, em 1960.<sup>75</sup>

Depois de fazer a “propaganda” de Carolina para o público, o trabalho do jornalista ficou voltado para o convencimento das editoras para publicar o compilado dos escritos do cotidiano favelado. A editora responsável pela publicação foi a “Francisco Alves”, renomada em território nacional, que se rendeu e resolveu fazer a publicação, ainda mais depois de ver a boa circulação das matérias produzidas pelo jornalista.<sup>76</sup>

O sucesso do livro foi imediato. A primeira tiragem foi esgotada em três dias na cidade de São Paulo, vendendo mais de cem mil cópias na semana em que foi publicada, sendo a obra editada mais de oito vezes no mesmo ano. O sucesso não ficou apenas em território nacional:

Tendo sido logo traduzida em pelo menos treze línguas, ela superou todos os escritores brasileiros em termos de conhecimento internacional. Ultrapassando largamente Jorge Amado como personalidade “literária” mais conhecida do Brasil, Carolina conseguiu ainda outro mérito curioso: até hoje permanece como a autora brasileira mais publicada no exterior, em particular nos Estados Unidos. Conhecido imediatamente em mais de quarenta países, o Quarto de Despejo teve, entretanto, reflexos negativos na vida da autora. Foi tanto sucesso por um livro que a autora teve o resto de sua obra ofuscada.<sup>77</sup>

Carolina foi extremamente inteligente na escrita do seu diário: mesmo colocando seus relatos ali, fazia questão de fazer tudo com um ar de poesia. Afinal, seu interesse principal era ser poeta, não escrever diários, mas ela viu naquela ocasião uma oportunidade de, não só sair da favela, mas também adentrar o mundo literário. Através dos relatos autobiográficos, Carolina denunciava a situação em que os favelados viviam, servindo como uma voz para aqueles que não a tinham – afinal

---

<sup>75</sup> SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida*. 2011. P. 92

<sup>76</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, n. 37, 1998. P. 87

<sup>77</sup> *Ibidem.*, P. 88

ela detinha os códigos da leitura e escrita em meio a um espaço onde a maioria da população era analfabeta.<sup>78</sup>

É interessante pensar que um diário vendeu tanto assim, ainda mais escrito por uma mulher em uma sociedade patriarcal e um mundo literário dominado pela presença de homens. Mais à frente, mostrarei que o sucesso do livro vai além da sua boa qualidade de escrita, da vontade de entender o mundo por Carolina, mas também, por certo exotismo existente por trás do título de “escritora favelada”, que sempre a acompanhou – mesmo com Carolina escrevendo e correndo atrás das editoras de jornais para publicar seus poemas antes mesmo de residir em Canindé.

Ao falar sobre a produção cultural envolvendo a favela, chegaremos novamente no *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*, mas, dessa vez, usarei os trechos do diário para mostrar formação de uma determinada *representação*<sup>79</sup> voltada para o favelado que Carolina, em sua trajetória, mostrou que existia: o favelado com os domínios dos códigos de leitura e escrita, que sonha e almeja o sucesso. Evidenciarei a seguir que, desde o início das favelas, nos fins do século XIX – sendo consolidada ao longo do século XX –, certos estigmas foram criados e direcionados para ela e para o seus moradores.

---

<sup>78</sup> PERPÉTUA, Elzira. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, 2003. P. 75

<sup>79</sup> Esse conceito ganhou força no debate acadêmico a partir do livro: CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.



### 3. A favelada – Novo Mundo de Carolina Maria de Jesus

A chegada de Carolina Maria de Jesus em São Paulo carrega todo sentimento de curiosidade, espanto e vontade. Vinda de Sacramento, a metrópole de São Paulo, para Carolina, é um novo mundo tanto na questão de novidades em relação a infraestrutura, como em iniciar uma nova etapa de sua vida, longe de todos os problemas por que passou em Sacramento e em todas as cidadezinhas em sua “peregrinação”, antes de sua chegada a São Paulo. Uma das novidades que São Paulo poderia apresentar para Carolina Maria de Jesus era a existência das Favelas.

Favela, ou, Aglomerado Subnormal de acordo a definição aplicada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), seria

Uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, rещacacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros.<sup>80</sup>

Essas ocupações tendem a ser resultado do rápido e desordenado processo de urbanização, como um reflexo das desigualdades socioeconômicas, servindo como um resultado da população excluída pela busca de moradia, vindo a se tornar um fenômeno cultura e social.

Esse fenômeno urbano, de acordo com o último Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo IBGE, ultrapassa o número de 11 mil favelas por todo o território brasileiro, onde cerca de 16 milhões de brasileiros vivem. A sua gênese ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no fim do século XIX, conforme foi dito.<sup>81</sup> Ao fim da Primeira República, no Rio de Janeiro as favelas já eram um fato e um assunto consolidado no debate sobre a cidade, tanto na literatura, quanto nos periódicos.<sup>82</sup> Em São Paulo, mesmo em quantidade não muito expressiva, o

<sup>80</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>

<sup>81</sup> VAZ, Lilian Fessler. *Modernidade e moradia - habitação coletiva no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2002. P.55

<sup>82</sup> Ver: MATTOS, Romulo Costa. *A “aldeia do mal”. O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. Mais recentemente, o

fenômeno favela já se fazia presente na década de 40.<sup>83</sup> A expressividade das favelas era tão pouca em São Paulo que, embora sabendo da existência de algumas favelas na primeira metade do século XX<sup>84</sup>, certos estudos até apontavam para a inexistência de favelas:

Muitos estudos sobre a questão da habitação em São Paulo apontam para um traço peculiar da cidade durante a primeira metade do século XX; qual seja, o da ausência de favelas.<sup>85</sup>

Comparado ao Rio de Janeiro, o processo de favelização em São Paulo também teve o seu início pautado pelo discurso higienista, quando o fenômeno dos cortiços era uma realidade mais expressiva.<sup>86</sup> De acordo com aquela retórica médica, os moradores dessa última forma habitacional seriam inimigos do avanço, fadados à pobreza e, com isso, seria preciso eliminar tais espaços de moradia.

“Assim, para o saber assistencial, a questão do cortiço não era formulada a partir das contradições sociais engendradas no âmbito da sociedade capitalista em desenvolvimento; pois o cortiço era visto como uma característica cultural específica dos pobres.”<sup>87</sup>

Em São Paulo, na década de 30 e 40, já se encontrava o maior polo industrial brasileiro e já havia a intenção de se tornar uma grande metrópole<sup>88</sup>, mas com isso os problemas de habitação começaram a ocorrer devido à quantidade de migrantes chegando à cidade, além da eliminação dos cortiços. A origem das favelas em São Paulo seria justificada pela crise da moradia: o fenômeno nas suas origens se apresentava como desdobramento de uma forte crise de moradia.<sup>89</sup>

---

mesmo autor lançou um artigo com a mesma temática: MATTOS, Romulo Costa. “O Morro da Favela como o território das ‘classes perigosas’ na Primeira República”. In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro e BRUM, Mário. Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2021.

<sup>83</sup> PAULINO, Jorge. *O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas*. Diss. Universidade de São Paulo, 2007. P.74

<sup>84</sup> *Ibidem.*, P.74

<sup>85</sup> *Ibidem.*, P.73

<sup>86</sup> Sobre as visões acerca dos cortiços cariocas, ver: VALLADARES, Lícia do Prado. “A gênese da favela carioca: do campo à cidade, da rejeição ao controle”. In: *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P.24

<sup>87</sup> PAULINO, Jorge. *O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas*. Diss. Universidade de São Paulo, 2007. P.77.

<sup>88</sup> *Ibidem.*, P.76

<sup>89</sup> *Ibidem.*, P.74

### 3.1 Produção Cultural – Favela como Temática

A gênese do processo de construção das representações sociais da favela remonta às descrições e imagens que nos foram legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX. Amplamente divulgados naquela época, seus escritos permitiram o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre o microcosmo da favela e seus moradores, ao mesmo tempo em que opunham favela e cidade.<sup>90</sup>

A afirmação da socióloga urbana Lícia do Prado Valladares serve de “gancho” para a falarmos um pouco da produção cultural em cima da temática Favela. Durante o início do seu surgimento no Rio de Janeiro, *os escritores, jornalistas e reformadores sociais* foram os responsáveis por deixar as Favelas famosas no debate sobre a cidade. Escrever sobre favelas no início do século XX no Rio de Janeiro garantiria um bom número de curiosos para consumir o material.

Acho válido fazer essa observação, pois, como o processo de favelização que ocorreu em São Paulo foi posterior ao Rio, muito do que aconteceu nessa cidade em relação às favelas foi repetido em São Paulo, no que diz respeito a visões manifestadas em matérias e textos de opinião nos periódicos. A própria Carolina Maria de Jesus, personagem central deste trabalho, surgiu na esfera pública através de reportagens já citadas no capítulo anterior.

Para exemplificar um pouco essa produção sobre a temática Favela e sobre a formação de certo imaginário negativo sobre ela e seus moradores, acho válido apresentar três crônicas que repercutiram em periódicos e nos livros durante a primeira metade do século XX, junto com uma rápida análise. As crônicas, como um gênero textual, são textos curtos, também de “vida curta”, que tratam de narrar acontecimentos ligados ao cotidiano. Com isso, as crônicas apresentam “uma forma híbrida da narrativa, originária do cruzamento de elementos ficcionais e documentais, criando um texto duplo, que se estrutura em um narrador em primeira pessoa”.<sup>91</sup> Difundida pela Europa durante o século XIX, as crônicas ganharam

---

<sup>90</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. "A gênese da favela carioca: do campo à cidade, da rejeição ao controle". In: *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P28

<sup>91</sup> PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. A “não-cidade”: a favela vista pelos cronistas do início do século XX. *Revista Transversos*, Rio de Janeiro, Vol. 03, nº. 03, pp. 8-25, out-mar. 2014/2015. Disponível em: <[www.transversos.com.br](http://www.transversos.com.br)>. ISSN 2179-7528. P. 9

espaço no Brasil, no final do século XIX e início do XX, por meio dos jornais,<sup>92</sup> embora na maioria das vezes elas não tivessem compromisso com a verdade.

Por tratarem de situações cotidianas, baseadas muitas vezes na própria percepção do autor, as crônicas geralmente têm muito mais a oferecer sobre o autor, o pensamento do autor e da sociedade do que, necessariamente, sobre a própria temática. Selecionei três autores diferentes que, assumindo o papel de “exploradores”, aventuraram-se pelos morros recém habitados de um Rio de Janeiro transformado pelas reformas urbanas e, assim, narraram suas experiências: Orestes Barbosa, Benjamim Costallat e João do Rio.

O morro da Favela ficou como uma lenda na cidade, entretanto, nada mais real do que os seus mistérios.<sup>93</sup>

É assim que o jornalista, cronista, compositor, poeta, Orestes Barbosa, inicia sua crônica sobre o Morro da Favela, atual Morro da Providência, publicada em 1923, na coletânea de crônicas *Bambambã*, editada pela Costallat & Miccolis. Esse livro foi um grande sucesso de vendas devido à visão de mercado da editora, que produzia livros com brochuras mais baratas, tornando-o acessível economicamente. A editora também publicava livros com temáticas aclamadas popularmente, temas esses voltados para um lado mais “perigoso”, “denso”, “obsuro”, “imoral”, do Rio de Janeiro, a capital da República na época, símbolo do progresso e da modernidade. O uso de ilustrações, das imagens, nos livros foi outra estratégia adotada pela editora para atrair ainda mais leitores, uma vez que reforçavam os sentidos das crônicas e facilitavam a compreensão dos não letrados.

Orestes Barbosa escreve:

Pouca gente já subiu aquela montanha – raríssimas pessoas chegaram a ver e a compreender o labirinto das baiucas, esconderijos, sepulturas vazias e casinholas de portas falsas que formam toda a originalidade do bairro terrorista onde a polícia do 8º distrito não vai.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> FERRO, Ana Paula Rodrigues; FERRO, Fábio. *CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL ENTRE JORNALISMO E LITERATURA: (UM ARTIGO DIRECIONADO AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS)*. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, p.3 ago. 2013.

<sup>93</sup> BARBOSA, O. *Bambambã!* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão Editorial, 1993.

<sup>94</sup> *Ibidem*

É possível observar que o mencionado mistério que envolve o Morro da Favela tem a violência como um dos seus componentes. Barbosa, ao narrar o caminho para se chegar à Favela, expõe alguns componentes que, possivelmente, faz daquele ambiente algo atrativo para ele:

Quem vai pela rua da América bem sabe que já nesta rua devia sentir temor... Ao longe a Favela tem até uma aparência poética – aqueles casebres que dão idéia de pobreza resignada, alguns arbustos descontentes com o terreno em que vivem, e os lampiões, em pontos diferentes, tortos, como bêbados, piscando o olhar cá para baixo. Mesmo de dia, observada por um visitante, que lhe desconheça a vida íntima, a Favela é tristonha e ordeira – tem uns ares de sono, de acabrunhamento, como se pensasse na sua própria vida.<sup>95</sup>

A criminalidade e a pobreza são elementos que alimentam o “ar misterioso” da favela e do favelado. Falando sobre o mesmo morro, a crônica *A Favella que eu vi...* pertence à série *Mistérios do Rio*, do cronista, escritor e jornalista Benjamim Costallat (1897-1961). Publicadas no *Jornal do Brasil*, em 1924, essas crônicas foram inspiradas nos *Mistérios de Paris* (1842) e nos *Mistérios de Londres* (1844), e adquiriam um papel de destaque no periódico. As crônicas eram acompanhadas de ilustrações que ajudavam a moldar o cenário do Morro da Favela, supostamente visitado por Costallat.

Em seu texto, Benjamim Costallat já inicia: “*Vamos ao morro do crime? ... Vamos...*”<sup>96</sup>. Não muito diferente de Orestes, Costallat narra a sua trajetória até o alto do morro:

É um caminho de cabras. Não se anda, gravita-se. Os pés perdem a função normal de andar, transformam-se em garras. Primeiro é uma rampa forte, talhada na própria rocha. Depois são pequenos degraus – e que degraus! – esperanças de degraus, degraus esboçados na rocha viva, escorregadios, perigosos, traiçoeiros; e lá embaixo é a rua, o precipício, a grande possibilidade de se quebrar o pescoço.<sup>97</sup>

O Morro da Favela, com todos os seus aspectos, era visto como uma cidade, um mundo diferente: “Há, sem dúvida, duas cidades no Rio. A Misteriosa é a que

---

<sup>95</sup> Ibidem

<sup>96</sup> COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. (Biblioteca Carioca, V.14)

<sup>97</sup> Ibidem

mais me encanta”<sup>98</sup>; “Estávamos, em plena Favela, fora do mundo”.<sup>99</sup> De fato, os costumes, a vivência, o cotidiano, as pessoas daquele local, tudo isso fazia do próprio um lugar diferente daquela “civilização” que vinha sendo construída, um local fora dos padrões da “normalidade” para se encaixar no próprio Rio de Janeiro pretendido pelas elites. A “civilização” era concebida como sinônimo de se estar o mais de acordo possível com o modelo e as necessidades dos grandes centros, principalmente a França e a Inglaterra.<sup>100</sup> Por essa razão, era construída uma exclusão simbólica no que diz respeito às favelas.

Saindo um pouco do Morro da Favela, é necessário apresentar outro local, de característica semelhante, para melhor relacionar a construção do imaginário em relação à favela e ao certo fascínio pela violência e a pobreza: o Morro do Santo Antônio. “A cidade do morro de Santo Antônio / Impressão Noturna” é uma crônica de João do Rio, um dos pseudônimos do jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921). Estampada na capa da *Gazeta de Notícias*, na publicação do dia 5 de novembro de 1908, a crônica adquire um papel de destaque, visto que, além de integrar a primeira página, o título do texto atiçava a curiosidade dos leitores em saber como foi a visita do cronista ao Morro de Santo Antônio. A mesma crônica foi publicada posteriormente no livro *Vida Vertiginosa* (1911) com o título “Os livres acampamentos da miséria”. nesta crônica o jornalista escreve:

Como se criou ali aquela curiosa vila de miséria indolente? O certo é que hoje há, talvez, mais de quinhentas casas e cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá em cima. As casas não se alugam. Vendem-se. Alguns são construtores e habitantes, mas o preço de uma casa regula de quarenta a setenta mil-réis. Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de Flandres, taquaras. A grande artéria da urbs era precisamente a que nós atravessávamos. Dessa, partiam várias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscilantes, trepados uns por cima dos outros.<sup>101</sup>

<sup>98</sup> BARBOSA, O. *Bambambã!* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão Editorial, 1993.

<sup>99</sup> COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. (Biblioteca Carioca, V.14)

<sup>100</sup> NEVES, Margarida de Souza, HEIZER, Alda. *A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910*. São Paulo: Atual, 1991. p.14.

<sup>101</sup> RIO, João do. *A cidade do morro de Santo Antônio / Impressão Noturna*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1-6, 5 nov. 1908

João do Rio intensifica esse contraste causado pela citação da organização espacial e das construções do morro, colocando tal favela como uma oposição à cidade, à urbanização:

Vi, então, que eles se metiam por uma espécie de corredor encoberto pela erva alta e por algum arvoredado. Acompanhei-os, e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. O caminho, que serpeava descendo, era ora estreito, ora largo, mas cheio de depressões e buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão com cercados, indicando quintais. A descida tornava-se difícil. Os passos falhavam, ora em bossas de relevo, ora em fundões perigosos. O próprio bando descia devagar.<sup>102</sup>

Em outro trecho, é possível identificar uma referência ao próprio Arraial de Canudos, um mito de origem das favelas cariocas: “Tinha-se, na treva luminosa da noite estrelada, a impressão lida na entrada do arraial de Canudos, ou a funambulesca ideia de um vasto galinheiro multiforme”.<sup>103</sup>

Em sua crônica, João do Rio, destaca a questão moral sobre os habitantes, os favelados do Morro do Santo Antônio. O mesmo afirma que a região possui o seu próprio chefe, ou seja, uma liderança local reconhecida pelos moradores:

Esse pescador é um chefe. Há um intendente geral, o agente Guerra, que ordena a paz em nome do doutor Reis” que “nesta empolgante sociedade, onde cada homem é apenas um animal de instintos impulsivos”, onde, “há casas de casais com união livre, mulheres tomadas. As serenatas param-lhes à porta, há raptos e, de vez em quando, os amantes surgem rugindo, com o revólver na mão.”, porém, “também há casas de famílias, com meninas decente.”<sup>104</sup>

João do Rio apresenta também um pouco da relação entre os moradores da favela com a cidade, tocando no tema do trabalho, com certa ironia:

Quase todos são operários, “mas estão parados.” Eles devem descer à cidade, e arranjar algum cobre. As mulheres, decerto, também descem para apanhar fitas nas casas de móveis, amostras de café na praça – “troços por aí”. E a vida lhes sorri e não querem mais e não almejam mais nada.<sup>105</sup>

As favelas e as pessoas que ali moravam adquiriram um espaço no imaginário coletivo onde o crime, a violência e os vícios eram elementos que compunham o “ar misterioso” do local. Fenômeno iniciado no século XIX, em

---

<sup>102</sup> Ibidem

<sup>103</sup> Ibidem

<sup>104</sup> Ibidem

<sup>105</sup> Ibidem

Paris, as narrativas sobre os “mistérios urbanos” tiveram um papel crucial em relatar os problemas causados pela modernidade:

A articulação entre a miséria, o vício e o crime manifestam a angústia dos indivíduos diante da modernidade industrial e urbana, não tendo forçosamente relação com um fenômeno estatístico.<sup>106</sup>

E, servindo como a “bola da vez”, as favelas, decorrentes das transformações urbanísticas e sociais, tinham todos os atributos para servir de “locus” dessas construções dessas narrativas. “Os mistérios urbanos encenam o cruzamento do urbanismo galopante com o aumento da criminalidade por meio do vetor essencial: a ralé”.<sup>107</sup> E no nosso contexto social, a favela, os favelados, eram os representantes dessa “ralé”.

Imerso nesse mar sensacionalista, os cronistas moldaram a imagem das Favelas e de seus moradores como algo exótico. Na década de 1920, influenciados pelos debates nacionais e a tentativa de definir a cultura popular pelos intelectuais brasileiros<sup>108</sup>, positivos levantados pelos cronistas, que ali era um local onde tinha uma *sociedade de espíritos excepcionais, onde talento e humor de fazer inveja*<sup>109</sup>. E que, de acordo com Costallat, a favela *é alegre, lá em cima de seu esconderijo, com o maravilhoso panorama da cidade que se desdobra aos seus pés. A Favela que samba, quando deveria chorar, é um maravilhoso exemplo para aqueles que têm tudo e ainda não estão satisfeitos... Pobre e admirável Favela!*<sup>110</sup>

As narrativas, de uma maneira geral, contribuíram para uma visão das Favelas como território das “classes perigosas”, lugares onde apresentam suas leis próprias. Local onde os moradores conviviam e dialogavam com uma intensa violência. Um lugar onde o Estado não consegue ter um controle, mas ao mesmo tempo é o principal responsável por aquele aglomerado:

---

<sup>106</sup> THÉRENTY, Marie-Ève, *Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX*. Revista da Fundação Casa Rui Barbosa. Ano 8, n. 8, 2014, p. 27-43. Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero08](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero08)>.

<sup>107</sup> *Ibidem*

<sup>108</sup> MOTTA, Marly Silva. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. FGV-CPDOC, 1992.

<sup>109</sup> BARBOSA, O. *Bambambã!* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão Editorial, 1993.

<sup>110</sup> COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. (Biblioteca Carioca, V.14)



E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia iluminada, imaginei chegar de uma longa viagem ao um outro ponto da terra, de uma corrida ao arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente daquela miséria cantadeira, com a visão dos casinhotos e das caras daquele povo vigoroso, refestelado na indigência em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construção inédita de um acampamento de indolência, livre de todas as leis<sup>111</sup>.(RIO, 1908).

### **3.2 Quarto de Despejo – outro olhar para a Favela, para o favelado.**

Quando *Quarto de Despejo - Diário* de uma favelada foi publicado, em 1960, já havia uma leitura sociológica sobre elas, que evitava os estigmas e estereótipos. Porém Licia Valladares chama atenção para a formação de uma tradição de pensamento sobre as favelas nesse período que antecede a entrada das ciências sociais no debate sobre esse tipo de assentamento social. Por essa razão, achei relevante citar crônicas da Primeira República, apesar das diferenças no tempo e no espaço. Os textos de Carolina Maria de Jesus não são crônicas. São textos de caráter memorialístico, narrativas de sua trajetória de vida. Recapitulando, Carolina já tinha intenção de transformar os seus diários em livros, depois do seu encontro e “acordo” com o jornalista Audálio Dantas. A sua intenção, possivelmente, era ficar imersa no mundo literário e poder viver dos seus poemas e assim sair da favela.

As favelas eram um tema de debate recente na cidade de São Paulo, entre as décadas de 1950 e 1960. A violência, o crime, a arquitetura baseada na arte do improvisado, a população flutuante, eram assuntos que, de certa forma, atraíam leitores curiosos. Não à toa, foi durante uma visita para retratar a expansão da favela nas margens do rio Tietê, a favela do Canindé, que o jornalista Audálio Dantas teve o seu encontro com Carolina Maria de Jesus, em 1958. E no mesmo ano, trechos

---

<sup>111</sup> RIO, João do. *A cidade do morro de Santo Antônio / Impressão Noturna*. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1-6, 5 nov. 1908.

dos seus diário foram publicados no *Folha da Noite*, em 1958 e na revista *O Cruzeiro*, em 1959.

Carolina Maria de Jesus possuía um amor imenso pela leitura, não posso dizer se a mesma já tinha lido alguma coisa sobre as favelas cariocas, porém seus moldes de descrição do local se assemelham em algumas questões aos moldes seguidos pelos cronistas citados.

Quando descreve sua situação em Canindé, Carolina tende a passar a impressão de que está fora da cidade de São Paulo, como se o Canindé fosse algo fora ou totalmente oposto à esplendorosa urbe:

21 DE MAIO (1958):

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (...) <sup>112</sup>

Mas há uma notável diferença: além de Carolina ser uma moradora da favela e os cronistas não, a autora demonstra a capacidade de se ver além da localidade, de sonhar em viver fora da favela, diferentemente dos cronistas que praticamente condenavam os moradores da favela a viverem eternamente naquele espaço, como uma espécie que pertence a um habitat.

Outra maneira muito usada pelos cronistas para descrever as favelas eram as comparações de caráter “sagrado”, por exemplo, colocando as favelas em comparações com inferno ou algo do tipo. Carolina, do seu jeito, fazia uso dos mesmos métodos comparativos:

18 DE JULHO (1955):

---

<sup>112</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. Ed – São Paulo: Ática, 2020. P.39

Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacau para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora.<sup>113</sup>

7 DE MAIO (1959):

...Lavei todas as roupas. Jurei nunca mais matar porco na favela. Eu estou tão nervosa que recordei o meu provérbio: não há coisa pior na vida do que a própria vida.

Favela, sucursal do Inferno, ou o próprio Inferno.<sup>114</sup>

24 DE JULHO (1955)

Ela continuou falando. Para fazer ela calar é preciso lhe dizer: —Cala a boca tuberculosa! Não gosto de aludir os males físicos porque ninguém tem culpa de adquirir moléstias contagiosas. Mas quando a gente percebe que não pode tolerar a imprecisão do analfabeto, apela para as enfermidades. O Seu João veio buscar as folhas de batatas. Eu disse-lhe: —Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão, que estou no inferno. ...Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: —Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam.<sup>115</sup>

Nesta última citação, referente ao dia 24 de julho, além da comparação da favela com o inferno, Carolina apresenta uma característica que a diferencia da maior parte da população, a sua alfabetização. A mesma usa a questão de ser alfabetizada para manifestar a sua situação e a de seus companheiros de favela.

19 DE MAIO (1958):

(...) Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros.<sup>116</sup>

O fato de Carolina saber ler e escrever, da mesma maneira que atraía a curiosidades das pessoas de fora da favela, dentro da favela a poetisa favelada era duramente criticada e temida:

---

<sup>113</sup> Ibidem., P.15

<sup>114</sup> Ibidem., P.165

<sup>115</sup> Ibidem., P.26

<sup>116</sup> Ibidem., P.36

19 DE JULHO (1955):

(...) Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz: —Que crianças mal iducadas! Eu digo: —Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro<sup>117</sup>.

1 DE JULHO (1958)

...Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (...) <sup>118</sup>

Fugindo dos padrões propostos pelos cronistas, quando nervosa, Carolina dispensa a briga física para resolver certo “confronto”, algo bastante instigado pelos favelados de acordo com os cronistas, e até mesmo Carolina. Essa recorre à escrita como uma fuga:

6 DE JANEIRO (1959)

(...) Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açogue Bom Jardim. Ordinária!<sup>119</sup>

20 DE JULHO (1955)

(...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo<sup>120</sup>.

Carolina era politizada, tinha noção do que estava acontecendo no Brasil e no mundo. Ela tinha consciência de si e sobre a sua situação de vida, e sabia que contar com a assistência dos políticos seria algo que provavelmente não a salvaria de sua precária situação:

10 DE MAIO (1958):

---

<sup>117</sup> Ibidem., P.20

<sup>118</sup> Ibidem., P.78

<sup>119</sup> Ibidem., P.150

<sup>120</sup> Ibidem., P.21

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubistchek [9] e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças.<sup>121</sup>

20 DE MAIO (1955)

...Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: — Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: —É que eu tinha fé no Kubistchek. —A senhora tinha fé e agora não tem mais? —Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.<sup>122</sup>

Através dos seus relatos, Carolina mostrou outra face do favelado, através do retrato de si mesma; uma moradora de favela alfabetizada, consciente e com ambições literárias. Mesmo que às vezes se aproximasse das representações mais comuns sobre as favelas, perpetradas pelos cronistas da Primeira República, Carolina deu a possibilidade de enxergar o favelado e os seus mais diversos aspectos, mesmo os contraditórios. Dessa forma, legou um quadro mais complexo acerca da realidade que a cercava – e da de muitos que compartilhavam a mesma situação de privação e dificuldades, na condição de moradores de favela.

---

<sup>121</sup> Ibidem., P.29

<sup>122</sup> Ibidem., P.37

## Considerações Finais

Mesmo vivendo apenas uma parte de sua vida na favela do Canindé, Carolina carregou o adjetivo de favelada consigo durante todo o restante de sua vida. Vinda de Sacramento, parando no Canindé por necessidade em 1948, Carolina carregava consigo estigmas negativos lançados por parte da sociedade, por ser uma mulher negra e favelada, que atraía olhares negativos sobre a sua existência.

Retratando o seu duro cotidiano, Carolina foi única pelo conteúdo que escreveu. Sendo uma espécie de narradora-personagem, ela narrou com tons poéticos, de súplica, de alegria, de urgência, todo o seu viver no Canindé, junto com seus três filhos, que eram a sua família. Ainda que boa parte dos seus escritos carregassem os resquícios do imaginário negativo em relação ao favelado, muito desenvolvido pelos cronistas no Rio de Janeiro, Carolina, ao falar de si, dos seus sonhos, dos desejos, da vontade de ter uma nova vida, alcançou uma dimensão que os cronistas nunca conseguiriam, de mostrar certa “vivacidade” em meio ao caos por eles narrado.

Acostumado com as faces negativas da favela, parte dos brasileiros passava a notar a existência daquela poetisa, do que aquela favelada tinha a dizer. Assim, colocou uma interrogação na cabeça do público leitor: como seria possível alguém viver naquele local tido como desalentador e ter uma imensa capacidade poética, uma inegável afinidade com o mundo das letras? Carolina fez com que se olhasse diferente para os favelados, mostrando que naquele espaço existem pessoas que sonham, que criticam, que sabem o que querem e que não estão fadados ao fracasso; que, enfim, movem a cultura, movem o pensar.

Carolina, de certa forma, contribuiu para mudar o estigma negativo do favelado. Mesmo não tendo nascido em uma favela, tendo apenas vivendo uma parte de sua vida nela – parte essa bastante significativa, levando em conta que seus filhos nasceram no Canindé –, o termo “favelada” atribuído a ela e com o qual se identificava durante uma parte de sua vida, ganhava outro tom. Um tom de admiração e de esperança, como convém.

## JORNAIS

CAROLINA no Rio: *descobri que minha doença era o verso*. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, ano 1960, n. 2289, 8 nov. 1960. p. 13. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pagfis=3394](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pagfis=3394).

COSTALLAT, Benjamim. *A Favella que eu vi...* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 1-24, 4 maio 1924.

DANTAS, Audálio. *O drama da favela escrito por uma favelada*. Folha da Noite, São Paulo, ano 1958, 9 mai. 1958.

DANTAS, Audálio. *Retrato da favela no diário de Carolina*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 1959, n. 0036, 20 jun. 1959.

POESIA, *fogões e panelas....* A Noite, Rio de Janeiro, ano 1942, n. 02289, 9 jan. 1942. p. 5. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970\\_04&pasta=ano%20194&pesq=%22Carolina%20Maria%22&pagfis=12978](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_04&pasta=ano%20194&pesq=%22Carolina%20Maria%22&pagfis=12978).

RIO, João do. *A cidade do morro de Santo Antônio / Impressão Noturna*. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1-6, 5 nov. 1908.

URELI, Willy. *Carolina Maria, poetiza preta*. Folha da Manhã, São Paulo, ano 1940, 25 fev. 1940. p. 3.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARCELLOS, Sérgio (Org.). *Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento-MG: Bertolucci Editora, 2015.

BARBOSA, O. *Bambambã!* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão Editorial, 1993.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1986.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte. (Biblioteca Carioca, V.14)

DANTAS, Audálio. *Nossa irmã Carolina*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Edito-ra Paulo de Azevedo Ltda), 1960, p. 5-12.

DE OLIVEIRA, I. *O negro no sistema educacional brasileiro: alguns aspectos históricos e contemporâneos*. [S. l.:s. n.], 2016. Disponível em: [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/167086/apresentacao\\_iolanda\\_oliveira.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/167086/apresentacao_iolanda_oliveira.pdf).

DE PAULA PEREIRA, Bergman. *De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o " lugar" das mulheres negras no pós-abolição*. Anais do Encontro da ANPUH, 2011.

DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34, 2000.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. – Rio de Janeiro. Malê, 2018.

FERRO, Ana Paula Rodrigues; FERRO, Fábio. *CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL ENTRE JORNALISMO E LITERATURA: (UM ARTIGO DIRECIONADO AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS)*. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, p. 1-8, 1 ago. 2013.

FLORENTINO, Manolo; GOÉS, José R. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790 – c.1850* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.



GONÇALVES, Marco Antonio. *Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)*. Horizontes Antropológicos, v. 20, p. 21-47, 2014

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. Ed – São Paulo: Ática, 2020. 200.p

JESUS, Carolina Maria de (2016). *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi/SP.

MACHADO, Marília Novais da Mata. *Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário*. Psicologia & sociedade, v. 18, p. 105-110, 2006.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 2001.

MATTOS, Romulo Costa. A “aldeia do mal”. *O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MATTOS, Romulo Costa. “O Morro da Favela como o território das ‘classes perigosas’ na Primeira República”. In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro e BRUM, Mário. *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2021 (no prelo).

MATTOS, Romulo Costa. “Reino do Céu ou território das ‘classes perigosas’? O Morro da Favela no contexto da visita de Felippo Tommaso Marinetti (1926)”. In: DINIZ, Clarissa, CARDOSO, Rafael (orgs.). *Do Valongo à Favela: imaginário e periferia*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, n. 37, p. 82-91, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MOTTA, Marly Silva. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. FGV-CPDOC, 1992.

NEVES, Margarida de Souza, HEIZER, Alda. *A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910*. São Paulo: Atual, 1991.

PAULINO, Jorge. *O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas*. Diss. Universidade de São Paulo, 2007.

PERPÉTUA, Elzira. *Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 22, p. 63-83, 2003.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. *Narrativas memorialísticas: memória e literatura*. Revista contemporânea de Educação 6.12 (2011): 432-448.

RIO, João do. Os livres acampamentos da miséria. In: Vida vertiginosa. 1917

SLENES, Robert W. *Na Senzala uma Flor - Esperança e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. – 2ªed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida*. 2011.

TELLES, Lorena Ferres. *Mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas: mercado urbano de aluguel, abandono e morte de bebês ingênuos no Rio de Janeiro (1871-1888)*. In.: MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz Brito; VIANA, Iamara da Silva Viana; GOMES, Flávio dos Santos Gomes. *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação*. São Paulo: Ed. UNESP, 2021.

THÉRENTY, Marie-Ève, *Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX*. Revista da Fundação Casa Rui Barbosa. Ano 8, n. 8, 2014, p. 27-43. Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero08](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero08)>.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. *Carolina Maria de Jesus: a escrita de si*. Letrônica, v. 3, n. 1, p. 247-257, 2010.

VALLADARES, Lícia do Prado. "A gênese da favela carioca: do campo à cidade, da rejeição ao controle". In: A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VAZ, Lilian Fessler. *Modernidade e moradia - habitação coletiva no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2002. Capítulos 1 e 2.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. FGV Editora, 2004.